

## **“EM CARNE VIVA”: Aportes teóricos e historiográficos para uma crítica da escola do Recife**

Aruanã Antônio dos Passos<sup>1</sup>  
Deuzair José da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** O trabalho procura contextualizar os debates historiográficos contemporâneos sobre a história intelectual e dos intelectuais capaz de fomentar uma crítica a chamada *Escola do Recife*, movimento intelectual que pode ser localizado na Faculdade de Direito do Recife entre 1860 e 1900. Para tanto, a pesquisa cruza as categorias e debates historiográficos contemporâneos que contribuem para uma análise da constituição das redes intelectuais e da circulação e transferências de ideias. A partir da influência de Tobias Barreto (1839-1889) – considerado o líder primevo – e de Sílvio Romero (1851-1914) na propagação dos debates, ideias e obras relacionadas à *Escola*, pretende-se delimitar as influências e relações de suas ideias com contemporâneos e herdeiros que difundiram essas ideias e seu legado. A problemática da investigação esteve relacionada ao estado da arte em torno da *Escola do Recife*. Dessa forma, qual o estatuto do movimento intelectual reunido inicialmente na Faculdade de Direito do Recife no quadro geral da historiografia brasileira? Buscamos delimitar nos herdeiros intelectuais as diversas apropriações e circulações que a *Escola* assumiu e os jogos de interesses e posicionamento ideológicos em torno dessas apropriações.

**Palavras-chave:** apropriações, ideias; Recife; Sílvio Romero, Tobias Barreto.

### **"MEAT IN TOUCH": Intakes theoretical and historiographical for the Recife school criticism**

**ABSTRACT:** The paper seeks to contextualize the contemporary historiographical debates on intellectual history and intellectuals able to foment a critical call School of Recife, intellectual movement which can be found in Recife's Law School between 1860 and 1900. Therefore, the research crosses categories and contemporary historiographical debates that contribute to an analysis of the constitution of intellectual networks and circulation and transfer ideas. From the influence of Tobias Barreto (1839-1889) - considered the leader primeval - and Romero (1851-1914) in the spread of the discussions, ideas and works related to the school, we intend to delineate the influences and relations of ideas with contemporaries and heirs who spread these ideas and his legacy. The investigation of the problem was related to the state of the art around the Recife School. Thus, what is the status of the intellectual movement initially gathered in Recife Law Faculty within the general framework of Brazilian historiography? We seek to define intellectual heirs in the various appropriations and circulations that the school took over and gaming interests and ideological positioning around these appropriations.

**Keywords:** appropriations, ideas, Recife, Sílvio Romero, Tobias Barreto.

### **A HISTORIOGRAFIA ENTRE INTELECTUAIS, IDEAIS, OBRAS E DEBATES**

Os estudos sobre o pensamento brasileiro da segunda metade do século XIX constituem numa tradição já bastante explorada nas Ciências Sociais e na História, como ressalta José Murilo de Carvalho diversas abordagens se destacam. Das que enfatizam correntes de pensamento até as que defendem uma abordagem sociológica onde as ideias são vinculadas as classes e grupos sociais emergentes, as perspectivas são variadas. Um dos principais estudos em torno do movimento de

<sup>1</sup>Prof. Msc. Universidade Estadual de Goiás – Campus Goiás/UFG, [aruana.ap@gmail.com](mailto:aruana.ap@gmail.com)

<sup>2</sup>Prof. Dr. Universidade Estadual de Goiás – Campus Jussara, [deuzairjs@gmail.com](mailto:deuzairjs@gmail.com)

ideias da intelectualidade nesse momento histórico é a tese de Angela Alonso sobre a geração de 1870 e seu papel na crise do Império<sup>3</sup>. Através de uma sociologia das ideias da geração de 1870, prioriza uma percepção dos variados pensamentos, onde as divergências são relegadas a um segundo plano em nome de uma relação elementar “estruturante” entre o contexto social e a própria existência de determinadas imagens.

Sabemos que a constituição da elite política imperial foi bastante tributária dos bacharéis e letrados. No movimento de ideias e ideais da segunda metade do século XIX e concentrados na chamada geração de 1870, a relação estabelecida com o Império é bastante irregular. Em muito contribuiu as ondas de racionalização e crítica a um sistema político fadado à crise que é acelerada, segundo Alonso, pelos diversos intelectuais da geração de 1870 e pelo *status* do intelectual<sup>4</sup>. Para José Murilo de Carvalho: “Tanto as ideias e valores que predominavam entre a elite, como as instituições implantadas por esta mesma elite mantinham relação tensa de ajuste e desajuste” (sic)<sup>5</sup>. Assim, as variações nas filiações teóricas estrangeiras e os embates desses intelectuais são explicados pelos seus interesses de classe e de ascensão social dentro das estruturas das elites no império constituída por intelectuais “marginalizados” da política imperial. Um estrato social letrado formado por profissionais liberais, jornalistas, bacharéis que “para exercer sua insatisfação, buscaram espaços de protesto na nova imprensa e procuravam doutrinas que os ajudassem a criticar a situação desvantajosa em que vivenciavam e que legitimassem seus anseios de mudança [...]”<sup>6</sup>, não gratuitamente para Sílvio Romero, Tobias “ficou [...] como o mestre injustiçado; o provinciano esquecido a ser resgatado”<sup>7</sup>.

No entanto, mesmo levando em consideração os pareamentos explicativos utilizados por Angela Alonso ao estabelecer a relação entre esses grupos sociais e a formação das ideias nas diversas correntes de pensamento nos deparamos com uma dificuldade imensa em “classificar” Tobias Barreto em uma corrente específica. Alonso considera Tobias Barreto e a “Escola do Recife”, como Positivistas Abolicionistas, e ainda assim de modo flexível já que estariam: “Mais perto dos liberais republicanos na ação política, mas vizinhos dos positivistas abolicionistas em experiência social e em ângulo de interpretação do Brasil (...)”<sup>8</sup>. Suas críticas seriam eminentemente

---

<sup>3</sup> ALONSO, Angela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 e a crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

<sup>4</sup> Em torno do prestígio das profissões liberais que contém em si grande parte dos intelectuais, “apenas, no Brasil, se fatores de ordem econômica e social – comuns a todos os países americanos – devem ter contribuído largamente para o prestígio das profissões liberais, convém não esquecer que o mesmo prestígio já as cercava tradicionalmente na mãe-pátria”: In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 29ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 157.

<sup>5</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial*. Teatro das Sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 417.

<sup>6</sup> ALONSO, Angela. Op. cit. p. 87.

<sup>7</sup> Idem, ibidem. p. 11.

<sup>8</sup> Idem, ibidem. p. 222.

reformistas, um pensamento até mesmo, em certas circunstâncias, moderado. Outros trabalhos definem a Escola sob outros epítetos. É o caso de Celeste Cordeiro que nos apresenta outra definição possível para Tobias Barreto. Segundo a sua perspectiva ele é muito mais um liberal cientificista, juntamente com Silveira Martins, Tavares Bastos, Clóvis Bevilácqua, Rui Barbosa, Joaquim Nabuco e Sílvio Romero: “Trata-se de uma ampliação do interesse eminentemente político dos doutrinários, voltando o enfoque liberal para os temas sociais, econômicos, educacionais e religiosos”<sup>9</sup>.

Logo a perspectiva da trajetória individual em meio a um contexto social mostra-se alternativa para se pensar a diversidade do sujeito, suas ideias e ações na história. Dentro da historiografia estudos que enfatizaram a trajetória e a atuação política de personalidades abriram uma perspectiva fundamental para se pensar o todo a partir da experiência de indivíduos em seus respectivos contextos sociais. Destacamos a tese de doutorado de Joseli Nunes de Mendonça, que através da análise da atuação pública de Evaristo de Moraes e aspectos da sua experiência pessoal com os movimentos abolicionistas, republicanos e socialistas na passagem do Império à República<sup>10</sup>, não busca simplesmente construir uma biografia do mesmo, mas sim “abordar as dinâmicas e processos sociais na perspectiva de uma experiência particular”<sup>11</sup>.

Outro trabalho importante foi realizado por Sidney Chalhoub em torno da obra literária de Machado de Assis. Através do estudo de seus romances e sua atuação enquanto funcionário público na segunda seção da Diretoria da Agricultura do Ministério da Agricultura (1870-1880 aproximadamente)<sup>12</sup>. O estudo de Chalhoub desvendou os meandros com que Machado de Assis escreveu sobre os acontecimentos que vivenciou em seu tempo através de sua obra, das críticas e respostas que o “bruxo do Cosme Velho” deu a esses acontecimentos através de seus romances. Em outro trabalho que tomou como escopo a obra e vida de um literato, Raphael Frederico da Silva se debruçou em sua dissertação de mestrado sobre os impasses e contradições da identidade social de Lima Barreto diante de sua condição racial<sup>13</sup>. Partindo do estudo de Norbert Elias sobre Mozart<sup>14</sup>, conduz sua análise da identidade social de Lima Barreto levando em consideração a inserção sociocultural em que o indivíduo se enquadra e estabelece a sua trajetória.

---

<sup>9</sup> CORDEIRO, Celeste. *Antigos e Modernos no Ceará Provincial*. São Paulo: Annablume, 1997. p. 109.

<sup>10</sup> MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. *Evaristo de Moraes: justiça e política nas arenas republicanas (1887-1939)*. Tese de doutorado em História. Campinas: Unicamp, 2004.

<sup>11</sup> Idem, *ibidem*. p. 20.

<sup>12</sup> CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis Historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 10.

<sup>13</sup> SILVA, Raphael Frederico da. *A “Moléstia da Cor”*: a construção da identidade social de Lima Barreto (1881-1922). Dissertação de Mestrado em História. Campinas: UNICAMP, 2002.

<sup>14</sup> Cf. ELIAS, Norbert. *Mozart, sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

## A HISTÓRIA INTELECTUAL E DOS INTELECTUAIS

A construção de identidades, tanto individuais quanto coletiva são tarefas que se intensificam no século XIX, e continuam em voga ao longo da historiografia ulterior, que num jogo de forças e interesses que merece investigação mais ampla. A pesquisa indicou também que há uma pluralidade de perspectivas abertas e construídas com os diversos conceitos que orientam o que entendemos por Nação e povo brasileiro<sup>15</sup>, debate esse nuclear para os intelectuais do século XIX. Tobias Barreto escreveu textos dos mais variados estilos. Ao longo desses textos é visível, pelo menos na maior parte deles, um criticismo e um pessimismo exacerbado. Na sua carreira política seus discursos são carregados de uma virulência polemista, “o mestiço germanizado descia o olhar para a nação como para um acampamento de ignorantes”, segundo o próprio Tobias: “Não aspiro neste país senão ao direito de escarnecer dele”. Seus textos filosóficos e sua crítica literária tão pouco ficam atrás desse fio condutor de observação, de leitura da realidade e posicionamento diante dela.

Interessa em nosso estudo o modo como os intelectuais se posicionaram diante de sua realidade através dos textos produzidos e, como se constituíram seus projetos para o Brasil, paralelamente ao seu percurso intelectual. Isto, porque essa abordagem permite perceber não apenas a evolução de um pensamento, um percurso intelectual, mas também as reentrâncias, os deslocamentos que a vontade é capaz de produzir em nome das contingências de uma vida provinciana, marcada pelo preconceito e a luta pela sobrevivência através do intelecto<sup>16</sup>. E também porque mesmo diante do pessimismo e da crítica feroz de Tobias a tudo que era nacional, na visão de um de seus maiores biógrafos, Hermes Lima, ele jamais deixou de amar o Brasil<sup>17</sup>.

Segundo Richard Tuck “a maneira adequada de se ler um texto histórico é como um produto histórico, em que as verdadeiras intenções do autor [...] devem ser nosso principal guia de como e porquê de o texto ter assumido a forma particular que assumiu”<sup>18</sup>. Dessa maneira, outros

---

<sup>15</sup>Sobre o assunto é fundamental destacar o papel do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) para a construção do Estado-Nação brasileiro no século XIX. Ver: GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. “Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Nacional”. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*, nº 1, 1988.

<sup>16</sup>Segundo um de seus biógrafos, vários são os casos em que Tobias sofreu preconceito por sua tez escura, em especial, pode-se destacar sua polêmica com os padres de Escada em torno de sua postura sobre a escravidão: “Para um homem que apoiava em Escada, feudo escravocrata, suas ambições políticas, era particularmente perigoso ser abolicionista...” In: LIMA, Hermes. Op. cit., p. 73. Para uma discussão geral da polêmica com os padres ver: MONTELLLO, Josué. *A polêmica de Tobias Barreto com os padres do Maranhão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

<sup>17</sup>“No fundo do coração, para o seu país, Tobias nunca deixou, porém de guardar reservas de ternura”. In: LIMA, Hermes. Op. cit., p. 105.

<sup>18</sup>TUCK, Richard. “História do pensamento político”. In: BURKE, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: Edunesp, 1991. p. 275.

aspectos da trajetória de Tobias Barreto podem desvelar tanto seu projeto de Nação quanto sua noção em torno do caráter nacional. Desde o fim dos anos 1970 a historiografia brasileira sofreu um fenômeno de “abertura” teórica e metodológica decorrente das reverberações de acontecimentos que mudaram a vida política do Brasil e das mutações nos modelos referenciais da Europa. No velho continente a crise das chamadas metanarrativas, dos grandes modelos explicativos, em especial o marxismo e o estruturalismo. Cá a abertura política a multiplicação dos cursos de pós-graduação e ampliação do mercado editorial, resumem os principais elementos dessa mutação no mundo acadêmico, além da chegada de novos referenciais importados.

Localmente os impactos provocaram aberturas graduais a outros modos de se pensar a história. Dentre as diversas “novidades” que aqui aportaram segundo Astor Diehl se destacam: a chamada “nova história” da Escola dos *Annales*; certa recepção do pensamento de Walter Benjamin; a nova esquerda inglesa representada por E. P. Thompson e os estudos de micropolítica incitados pelos trabalhos de Michel Foucault<sup>19</sup>. Importa a esse estudo duas noções fundamentais inter-relacionadas, a de *cultura*, e a de *trajetória social*. O primeiro tomado no sentido atribuído pela História Social da Cultura demarcada pelos estudos de E. P. Thompson e Natalie Zemon Davis, ou seja, compreendemos a cultura enquanto instância central “motivadora da transformação histórica”<sup>20</sup>. Como propõe Thompson ao analisarmos os indivíduos ao longo do tempo devemos levar em consideração sua formação social e cultural específica e não suas ações através de conceitos estáticos. Dessa forma, compreender o modo com que os sujeitos “percebem a si próprios e ao mundo exterior”<sup>21</sup> ressaltando não a força de determinações conceituais exteriores a cada contexto histórico, mas sim a própria experiência dos sujeitos históricos no seu fazer diante das questões do mundo.

Já a noção de *trajetória* foi desenvolvida em estudos historiográficos da chamada micro-história. Dentre os principais trabalhos. Destacamos o importante estudo de Carlo Ginzburg, *O queijo e os Vermes* (1976), e de Giovanni Levi, *A herança Imaterial* (1985)<sup>22</sup>. O trabalho de Ginzburg demonstra com um indivíduo medíocre pode ser entendido como se fosse um microcosmo de um estrato social inteiro num determinado período histórico<sup>23</sup>. A diminuição da escala de observação possibilita a percepção de eventos, processos, estratégias e sociabilidades que antes não

---

<sup>19</sup>DIEHL, Astor. *A cultura historiográfica brasileira dos anos 1980: experiências e horizontes*. 2ª ed. Passo Fundo: UPF, 2004.

<sup>20</sup>DESAN, Susan. “Massa, Comunidade e Ritual na obra de E. P. Thompson e Natalie Davis”. In: HUNT, Lynn. *A nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 66.

<sup>21</sup>Idem, *ibidem*, p. 71.

<sup>22</sup>GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os vermes*. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Ainda: LEVI, Giovanni. *A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

<sup>23</sup>GINZBURG, Carlo. Op. cit., p.20.

podiam ser visualizadas. Assim, o trabalho de Giovanni Levi possui consequências no campo historiográfico, tão importantes quanto o de Ginzburg. Através da trajetória de um padre exorcista e os diversos processos que enfrentou no século XVII, Levi desvela as estratégias locais de uma pequena comunidade em relação ao Antigo Regime. Essa perspectiva é chamada por Jacques Revel de história “ao rés-do-chão”<sup>24</sup>. Uma das implicações da microanálise é a de proporcionar uma análise do social levando em consideração diversas variáveis que, como afirma Revel são mais complexas e móveis<sup>25</sup>.

Se o referencial da micro-história nos permite compreender as relações entre os indivíduos, seus grupos sociais e seu tempo histórico, a história intelectual pode abrir perspectivas interessantes para uma análise tanto do viés de uma história das ideias políticas quanto de uma história dos intelectuais. Por certo que a história intelectual no Brasil ainda não alcançou o status que possui em outros países. Mesmo com a multiplicidade de significados e abordagens (nos Estados Unidos existem dois termos: *intellectual history* e *history of ideas*. Na Alemanha, o domínio é do termo *Gestesgeschichte*. Na Itália, encontramos *storia intellettuale* e *storia della filosofia*. Na França, apesar do peso e da influência dos *Annales*, *histoire intellectuelle*<sup>26</sup>) a produção acadêmica sobre História intelectual já é um campo de estudos consolidados no exterior. Aqui as dificuldades parecem emergir de uma certa imprecisão epistemológica. Como destaca Helenice Rodrigues da Silva:

Para merecer essa etiqueta, é necessário que a narração de uma vida seja circunscrita no interior de um espaço social preciso e/ou de um contexto histórico determinado. As biografias intelectuais, que inter-relacionam o indivíduo a seu tempo dentro de uma lógica hermenêutica, inserem-se na história intelectual. Nesse gênero de estudo, procura-se salientar a trajetória de um indivíduo, as relações que ele estabelece com seus pares, as visões de mundo, os esquemas de pensamento (ou os *habitus*) de um determinado meio intelectual, responsável pela configuração de uma trajetória e de uma obra.<sup>27</sup>

Já para Roger Chartier, “assim a história intelectual opõe às certezas léxicas das outras histórias uma dupla incerteza do vocabulário: cada historiografia nacional possui suas próprias designações, e em cada uma delas entram em competição noções diferentes que mal se podem distinguir umas das outras”.<sup>28</sup> Para Helenice Rodrigues,

<sup>24</sup>REVEL, Jacques. “A história ao rés-do-chão”. In: LEVI, Giovanni *A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 7-37.

<sup>25</sup>REVEL, Jacques. “Microanálise e construção do social”. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 23.

<sup>26</sup>CHARTIER, R. “História Intelectual e História das mentalidades: uma dupla reavaliação”. In: \_\_\_\_\_. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

<sup>27</sup>SILVA, Helenice. *Fragmentos da História Intelectual: entre questionamentos e perspectivas*. São Paulo: Papirus, 2002. p. 23.

<sup>28</sup>CHARTIER, Roger. “História Intelectual” In: BURGUIÈRE, André (Org.). *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago. p. 447.

Num primeiro momento, essa palavra dotada de uma conotação pejorativa assimila o ‘intelectual’ ao intelectual de esquerda, ou seja, a todos aqueles que, exercendo um trabalho de pensadores e já tendo adquirido uma certa notoriedade, se colocam a serviço da comunidade nacional, em nome de princípios universais: a defesa da ‘verdade’ e da ‘justiça’<sup>29</sup>.

Essas vinculações à esquerda, feitas pelos intelectuais, levam a uma mudança, pois “a crise de representação do intelectual serviu de estímulo para o aparecimento de um novo objeto de estudo – o intelectual – e de uma nova área de investigação – a história intelectual”.<sup>30</sup> Em Skinner, “compreender as questões que um pensador formula, e o que ele faz com os conceitos a seu dispor, equivale a compreender algumas de suas intenções básicas ao escrever, e portanto, implica esclarecer exatamente o que ele pode ter querido significar com o que disse – ou deixou de dizer”.<sup>31</sup> Segundo Helenice Rodrigues da Silva, “a primeira questão que a história intelectual deve colocar é a seguinte: por que alguém (um pensador ou um grupo de pensadores) se apropria de uma ‘idéia’ ou de um sistema de pensamento e os transforma em paradigma intelectual, num determinado momento histórico?”<sup>32</sup>

## **TRANSFERENCIAS CULTURAIS, CONTEXTOS DE APROPRIAÇÃO E A ESCOLA DE RECIFE**

Partimos no início de nossa investigação para a composição das transferências e circulações culturais entre “nós” e uns “eles” que era eminentemente estrangeiro (francês, alemão, inglês). No entanto, o que se deslumbrou no percurso é um embate de disputas que se davam internamente em solo nacional entre nossos intelectuais e a composição das relações de força entre esses intelectuais ao longo de nossa história. Coube então, redimensionar a problemática para percepção dos efeitos dessa composição de forças internas, e se haveriam ou não consequências teóricas, metodológicas, epistemológicas contribuindo ou complicando a constituição de um “pensamento” nacional. Nesse sentido, o estudo das “transferências culturais” vem assumindo uma importância crescente na análise das relações interculturais, e mais especificamente, das possibilidades de escrita da história intelectual e da história dos intelectuais. No âmbito da

<sup>29</sup>SILVA, Helenice, op. cit., 2002. p. 15.

<sup>30</sup>SILVA, Helenice, op. cit., 2002. p. 18.

<sup>31</sup>SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 13.

<sup>32</sup>SILVA, Helenice R. “Crise ideológica e produção intelectual: esquemas de pensamento próprio a uma situação histórica”. In: *Cadernos de História*, v.1, nº 1, 1995. p. 46.

historiografia os estudos são relativamente recentes. Remontam aos trabalhos de Michel Espagne e Michaël Werner, em meados dos anos 80, sobre as trocas culturais entre França e Alemanha entre os séculos XVIII e XIX<sup>33</sup>. A perspectiva explorada por esses autores se concentra nos fluxos e trocas culturais levando em consideração as dinâmicas inerentes aos processos de descontextualização e contextualização de ideias e objetos culturais. No caso da produção de conhecimento há um peso muito forte das transposições nacionais: “assim, quando um texto científico é transposto de um espaço cultural (intelectual e linguístico) para um outro espaço nacional, inevitavelmente, sua significação, ligada a sua historicidade e a sua temporalidade, se modifica”<sup>34</sup>.

A proposta das transferências culturais realiza um esforço de superação de uma dicotomia entre uma história intelectual e uma história social dos intelectuais e suas ideias. Essa dicotomia bastante presente na historiografia norte-americana, que vivenciou uma febre de estudos de história das ideias e história intelectual nos anos 1940 e 1950, colocou em choque suas abordagens dos intelectuais e suas obras: uma voltada para uma história social dos intelectuais em diálogo com a sociologia e uma história intelectual mais ligada à filosofia. As divergências são de abordagem, mas também de procedimentos metodológicos e de seleção das fontes documentais (textos, obras, discursos etc.). Segundo Dominick LaCapra:

Se o historiador social procura recuperar a experiência dos atores do passado através do uso de textos primários, o historiador do pensamento tende a ver esses mesmos documentos primários como a expressão do pensamento; que organiza e dá forma a um texto – todo o texto, incluindo registros de recenseamento, documentos políticos e jurídicos, memórias pessoais – não é a experiência que pretende descrever, mas a sensibilidade imaginativa ou conceptual que emoldura-o<sup>35</sup>. (Traduções nossa)

Essa dimensão da forma com que o pensamento se expressa no texto, tomando LaCapra como referencial, o olhar de um historiador social assume outra conotação e também nos permite analisar os textos de natureza diversa dos integrantes da Escola, ainda que tenham uma natureza

---

<sup>33</sup>Cf: WERNER, Michael e ZIMMERMANN, Bénédicte. Beyond comparison: Histoire *croisée* and the challenge of reflexivity. *Annales*. Jan-Feb. 2003, 58, 1, pp. 7-36. WERNER, Michael e ZIMMERMANN, Bénédicte (eds.). *De la comparaison à l'histoire croisée*. Paris, Seuil, 2004. ESPAGNE, Michel. *Les transferts culturels franco-allemands*. Paris: PUF, 1999. ESPAGNE Michel, WERNER Michel (dir.). *Philologiques III, Qu'est-ce qu'une littérature nationale? Approches pour une théorie interculturelle du champ littéraire*. Paris: MSH, 1994. ESPAGNE Michel, WERNER Michel. *Transferts. Les Relations inter-culturelles dans l'espace franco-allemand (XVIII-XIXe siècles)*. Paris: ed. Recherche sur les civilisations, 1988. ESPAGNE Michel. *L'histoire de l'art comme transfert culturel: l'itinéraire d'Anton Springer*, Paris: Berlin, 2009.

<sup>34</sup>SILVA, Helenice Rodrigues da. Transferências de Saberes: modalidades e possibilidades. Curitiba: *História: Questões & Debates*, nº 53, jul-dez 2010. p. 204.

<sup>35</sup>WICKBERG, Daniel. Intellectual History vs. the Social History of Intellectuals. London: *Rethinking History*, 5:3, 2001. p. 390.

mais “filosófica” ou “política” guardam em si dimensões que transcendem essas classificações.

Tanto a história intelectual, que se serve de seus métodos e objetos, como a teoria das transferências culturais, que explicita os procedimentos (de importação, de seleção e de adaptação), fornecem subsídios para uma melhor compreensão dos bens culturais (importados ou exportados). Mesmo não se referindo, necessariamente, a uma perspectiva de relação recíproca entre espaços nacionais, a análise dos fenômenos de exportação e de importação é reveladora da projeção coletiva das imagens e das representações culturais<sup>36</sup>.

Sob esse aspecto a tarefa de realizar uma leitura das leituras de intelectuais sobre intelectuais necessita de uma abordagem das temporalidades e dos contextos de circulação de ideias que não pode ser circunscrito numa linearidade rígida, porque os movimentos dessas apropriações não seguem, necessariamente, uma lógica temporal linear. Como destaca Lúcia Lippi Oliveira ao analisar as leituras feitas sobre as ideias e obras de Oliveira Vianna, podemos sintetizar essa complexidade da perenidade ou não das ideias de um autor pelo exemplo do próprio Oliveira Vianna e dos destinos que sua obra assumiu pela posteridade.

Oliveira Vianna foi autor de seu tempo, elo de ligação entre a chamada geração de 1870 (Sílvio Romero, Euclides da Cunha, dentre outros) e o pensamento nacionalista brasileiro após a Primeira Guerra Mundial (marcado pelos críticos da Constituição de 1891 e da República Velha) e vai dar suporte ideológico ao Estado brasileiro no pós-30 e principalmente no pós-37<sup>37</sup>.

Haveria assim uma clara passagem entre gerações de elites intelectuais constituídas por sujeitos que faziam parte ativamente, não apenas dos debates intra elites, mas também das ações e posições políticas. Típico de um contexto histórico onde os intelectuais exerciam uma série múltipla de posições no campo que ia da crítica literária à proposição de formas de governo e exercício do poder por parte dos governantes. Por alto, em geral, os intelectuais do Brasil Imperial são visualizados enquanto intimamente relacionados com o seu desejo de ascensão social nos estratos daquela ordenação. Essa ascensão se daria pelo reconhecimento de notório saber (daí então tantas polêmicas entre esses intelectuais ser uma constante do período) ou pelo exercício de cargos políticos e administrativos. Assim, suas ideias e obras seriam meramente simulacros de seus interesses de ascensão social. Por isso caberia ao presente o desafio de realizar a revisão das ideias de nossos antepassados. Como ironiza Gildo Marçal Brandão: “Seria importante, em consequência,

<sup>36</sup>SILVA, Helenice Rodrigues da. Transferências de Saberes: modalidades e possibilidades. *História: Questões & Debates*, Curitiba, nº 53, jul./dez. 2010. p. 220.

<sup>37</sup>OLIVEIRA, Lúcia Lippi. “Uma leitura das leituras de Oliveira Vianna”. In: BASTOS, Élide Rugai; MORAES, João Quartim de. (Orgs.). *O pensamento de Oliveira Vianna*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 242.

retomar a obra centralizadora dos 'reacionários audazes' do Império”<sup>38</sup>.

Retrospectivamente, há uma recorrência nos anos 1970 de referências a Tobias Barreto que o incluem no hall dos grandes pensadores nacionais, os “intérpretes” do Brasil. Essa recorrência de certa maneira se enfraquece dentro do universo acadêmico, intermitentemente reaparecendo em alguns estudos de direito, sociologia e filosofia. No campo dos estudos jurídicos por seus trabalhos em torno dos direitos da educação da mulher, da sua defesa de um regime jurídico criminal singular para menores e loucos; na sociologia pelas análises sobre nossas estruturas sociais, sendo referenciado como precursor da disciplina em território nacional; na filosofia, seu legado é constantemente reduzido ao seu reconhecimento do pensamento de Kant, também definido de forma frequente como precursor da obra kantiana no Brasil. E no caso de Romero Luiz Alberto de Cerqueira afirma o seguinte:

Do legado de Sílvio Romero resistiu por mais de um século, e ainda ressoa, a sua concepção historicista de que as ideias filosóficas dependem das condições histórico-culturais em que o homem conhece a si mesmo como povo. Em outras palavras, ou as ideias filosóficas têm a sua origem na história da cultura nacional ou não têm, mas indiferente às premissas a história universal continua a sua marcha para o futuro<sup>39</sup>.

Ainda sobre o assunto podemos destacar a tese de doutoramento de Adalberto Marson, apresentada na faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, defendida em 1975.

A crítica do artificialismo, da imitação, da dependência e da marginalização das elites então dominantes, que Alberto Torres depositou nos seus escritos, constitui um dos maiores legados à linhagem da “sociologia nacionalista” brasileira, que floresceu na década de 50. Situado pelos intelectuais nacionalistas dos anos 20 e 30, no grupo privilegiado dos “pensadores” mais “assimilados” e “realistas” (Sílvio Romero, Euclides da Cunha Farias Brito, Tobias Barreto, entre os mais destacados), Alberto Torres foi recuperado pela sua capacidade de denúncias às “ficções jurídicas” e ao comportamento “alienado” dos políticos e intelectuais brasileiros<sup>40</sup>.

No caso da historiografia, Tobias Barreto figura de maneira pálida e cinza. Citado por alto frente às análises sobre o movimento abolicionista e superficialmente no campo das ideias. No entanto, tanto Tobias quanto Sílvio Romero conheciam as obras dos grandes mestres historiadores

<sup>38</sup>BRANDÃO, Gildo Marçal. Linhagens do Pensamento Político Brasileiro. Rio de Janeiro: *DADOS – Revista de Ciências Sociais*. Vol. 48, nº 2, 2005. p. 247.

<sup>39</sup>CERQUEIRA, Luiz Alberto. A ideia de filosofia no Brasil. *Revista Filosófica de Coimbra*, nº 39, 2011. p. 181.

<sup>40</sup>MARSON, Adalberto. *A Ideologia Nacionalista em Alberto Torres*. São Paulo: Duas Cidades, 1979, p. 202. Interessante destacar no estudo de Marson sua percepção das apropriações das ideias de Alberto Torres é uma dimensão que necessitaria de estudos mais cuidadosos. Nas suas palavras: “Como última reflexão, é sabido que o legado nacionalista de Alberto Torres sofreu, posteriormente na década de 20, uma sucessão de apropriações por parte de movimentos intelectuais e políticos, cuja importância exigiria uma outra investigação. As apropriações foram acompanhadas simultaneamente de rejeições, conforme o tipo de conveniência que orientava as interpretações”. In: MARSON, Adalberto. Op. cit., p. 203.

do seu tempo, como profere Romero em relação a esses historiadores: “Em tempos posteriores, Niebuhr, Otfried Müller, Curtius, Mommsen, Sybel, Zeller, Ranke, Gervinus, Gregorovius, Droysen constituem uma forte legião que levaram a história em todas as direções”. E Ainda: “Nunca em tempo algum houve um tão profundo conhecimento e tão completa consciência do passado. Os alemães foram os grandes obreiros dessa transformação”<sup>41</sup>. A circulação de autores estrangeiros em território nacional no oitocentos era muito intensa, ainda que pela pura citação de autores estrangeiros via leitura de terceiros. Claro que a forma com que muitas ideias chegavam aos nossos intelectuais era muitas vezes tortuosa. Eram recepcionadas ideias de “segunda mão”, autores citados em fragmentos por outros autores em contextos textuais diversos e pouco esclarecedores. Não à toa Tobias se esforçou por aprender sozinho a língua alemã com o claro intuito de se relacionar diretamente com os autores germânicos. E assim o fez. Trocando correspondências com editores e professores na Alemanha e também com a comunidade germânica que publicava jornais no sul do Brasil.<sup>42</sup>

Assim, os contextos de apropriação são múltiplos, variados e polivalentes e se dão internamente (em território nacional) e externamente (envolvendo agentes no estrangeiro). Eles transitam entre a troca de obras, citações e referências que muitas vezes não esclarecem em detalhes a maneira com essas obras, ideias e autores foram apresentadas, como se deu sua leitura, com que instrumentos e sob quais condições foram absorvidos pelos pensadores nacionais. Importante ressaltar também que eles mesmos constantemente não fazem questão de esclarecer esses pormenores, cabendo ao investigador explorar essas dimensões cruzando textos e autores tanto originais do momento histórico, quando da exegese (historiografia, crítica literária, filosófica e fortuna crítica):

Nesse sentido, sua intelecção depende do momento histórico, isto é, do grau de consciência de que os atores adquiriram de sua própria herança, o que supõe, por outro lado, exploração empírica sistemática e trabalho teórico prévio, sem as quais tais formas não serão expostas à luz, incorporadas à experiência<sup>43</sup>.

Fato esse válido também para as figurações da Escola ao longo da posteridade em seus estados da arte:

Sob a condição, é claro, de não nos limitarmos às trajetórias apenas dos 'grandes' intelectuais e de descermos até o estrato intermediário dos intelectuais de menor notoriedade, mas que tiveram importância enquanto viveram, e até a camada, ainda mais

<sup>41</sup>ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. Contribuições e Estudos Gerais para o Exato Conhecimento da Literatura Brasileira. (2º Volume). 7ª ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1980. p. 597.

<sup>42</sup>Cf: CHACON, Vamireh. *Formação das Ciências Sociais no Brasil: da Escola do Recife ao Código Civil*. 2ª ed. Brasília: LGE Editora; São Paulo: Editora da Unesp, 2008. BARRETO, Luiz Antonio. *Tobias Barreto*. Sergipe: Sociedade Editorial de Sergipe, 1994.

<sup>43</sup>BRANDÃO, Gildo Marçal. “Linhagens do Pensamento Político Brasileiro”. Rio de Janeiro: *DADOS – Revista de Ciências Sociais*. Vol. 48, nº 2, 2005. p. 256.

escondida, dos 'despertadores' que, sem serem obrigatoriamente conhecidos ou sem terem sempre adquirido uma reputação relacionada com seu papel real, representaram um fermento para as gerações intelectuais seguintes<sup>44</sup>.

Para o diagnóstico e para uma maior precisão no mapeamento das trocas culturais entre os agentes culturais não basta apenas levar em consideração os sujeitos consagrados pela historicidade de suas ideias como “cânones” ou “clássicos”. É preciso também levar em conta os “de menor notoriedade”, como afirma Sirinelli, já que: “[...] é fundamental para o estudo das ‘transferências culturais’ a dimensão intercultural dos conceitos que elas analisam, ou seja, as próprias transferências, que são também fenômenos de criação e de deslocamento semântico”<sup>45</sup>. Deslocamento semântico proporcionado pelas trocas entre esses agentes, onde a mecânica das transferências forma uma tecitura discursiva, a qual apenas à posteridade realizará uma hierarquização e monumentalização atualizando essas ideias e as expondo, projetando assim um presente/futuro em “carne viva”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Angela. **Idéias em movimento: a geração de 1870 e a crise do Brasil-Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BARRETO, Luiz Antonio. **Tobias Barreto**. Sergipe: Sociedade Editorial de Sergipe, 1994.

BRANDÃO, Gildo Marçal. “**Linhagens do Pensamento Político Brasileiro**”. Rio de Janeiro: *DADOS – Revista de Ciências Sociais*. Vol. 48, nº 2, 2005, p. 231-269.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial**. Teatro das Sombras: a política imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

CERQUEIRA, Luiz Alberto. “**A ideia de filosofia no Brasil**”. *Revista Filosófica de Coimbra*, n. 39, 2011, p. 163-192.

CHACON, Vamireh. **Formação das Ciências Sociais no Brasil: da Escola do Recife ao Código Civil**. 2ª ed. Brasília: LGE Editora; São Paulo: Editora da Unesp, 2008.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis Historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, R. “**História Intelectual e História das mentalidades: uma dupla reavaliação**”. In:

---

<sup>44</sup>SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 246.

<sup>45</sup>SILVA, Helenice Rodrigues da. Transferências de Saberes: modalidades e possibilidades. *História: Questões & Debates*, Curitiba, nº 53, p. 203-225, jul./dez. 2010. p. 208.

CHARTIER, R. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. **“História Intelectual”** In: BURGUIÈRE, André (Org.). *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

CORDEIRO, Celeste. **Antigos e Modernos no Ceará Provincial**. São Paulo: Annablume, 1997.

DESAN, Susan. **“Massa, Comunidade e Ritual na obra de E. P. Thompson e Natalie Davis”**. In: HUNT, Lynn. *A nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DIEHL, Astor. **A cultura historiográfica brasileira dos anos 1980: experiências e horizontes**. 2ª ed. Passo Fundo: UPF, 2004.

\_\_\_\_\_. **A cultura historiográfica brasileira nos anos 1980: experiências e horizontes**. 2ª ed. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2004.

ELIAS, Norbert. **Mozart, sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

ESPAGNE Michel, WERNER Michel (dir.). **Philologiques III, Qu’est-ce qu’une littérature nationale? Approches pour une théorie interculturelle du champ littéraire**. Paris: MSH, 1994.

\_\_\_\_\_. **Transferts**. Les Relations inter-culturelles dans l’espace franco-allemand (XVIII-XIXe siècles). Paris: ed. Recherche sur les civilisations, 1988.

\_\_\_\_\_. **L’histoire de l’art comme transfert culturel: l’itinéraire d’Anton Springer**, Paris: Berlin, 2009.

\_\_\_\_\_. **Les transferts culturels franco-allemands**. Paris: PUF, 1999.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os vermes**. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. **“Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Nacional”**. Rio de Janeiro: *Estudos Históricos*, Vol. 1, nº 1, 1988, p. 5-27.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 29ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEVI, Giovanni. **A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LIMA, Hermes. **Tobias Barreto (A Época e o Homem)**. São Paulo: Instituto Nacional do Livro, 1963.

MARSON, Adalberto. **A Ideologia Nacionalista em Alberto Torres**. São Paulo: Duas Cidades, 1979.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. **Evaristo de Moraes: justiça e política nas arenas republicanas (1887-1939)**. Tese de doutorado em História. Campinas: Unicamp, 2004.

MONTELLO, Josué. **A polêmica de Tobias Barreto com os padres do Maranhão**. Rio de Janeiro: *Revista Brasileira de História*, vol. 5, num. 15, 2015.

Janeiro: José Olympio, 1978.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **“Uma leitura das leituras de Oliveira Vianna”**. In: BASTOS, Élide Rugai; MORAES, João Quartim de. (Orgs.). *O pensamento de Oliveira Vianna*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

REVEL, Jacques. **“A história ao rés-do-chão”**. In: LEVI, Geovanni *A Herança Imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

\_\_\_\_\_. **“Microanálise e construção do social”**. In: REVEL, Jacques. (Org.). *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ROMERO, Sílvio. **História da Literatura Brasileira**. Contribuições e Estudos Gerais para o Exato Conhecimento da Literatura Brasileira. (2º Volume). 7ª ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1980.

SILVA, Helenice R. **“Crise ideológica e produção intelectual: esquemas de pensamento próprio a uma situação histórica”**. In: *Cadernos de História*, v.1, nº 1, 1995.

\_\_\_\_\_. **“Transferências de Saberes: modalidades e possibilidades”**. *História: Questões & Debates*, Curitiba, nº 53, jul./dez. 2010. p. 203-225.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos da História Intelectual: entre questionamentos e perspectivas**. São Paulo: Papirus, 2002.

SILVA, Raphael Frederico da. **A “Moléstia da Cor”: a construção da identidade social de Lima Barreto (1881-1922)**. Dissertação de Mestrado em História. Campinas: UNICAMP, 2002.

SIRINELLI, Jean-François. **Os intelectuais**. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SKINNER, Quentin. **As fundações do pensamento político moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

TUCK, Richard. **“História do pensamento político”**. In: BURKE, Peter. *A escrita da história*. São Paulo: Edunesp, 1991.

WERNER, Michael e ZIMMERMANN, Bénédicte. **Byond comparison: Histoire croisée and the challenge of reflexivity**. *Annales*. Jan-Feb. 2003, Vol. 58, n.1. p. 7-36.

\_\_\_\_\_. e ZIMMERMANN, Bénédicte (eds.). **De la comparaison à l’histoire croisée**. Paris, Seuil, 2004.

WICKBERG, Daniel. **Intellectual History vs. the Social History of Intellectuals**. London: *Rethinking History*, 5:3, 2001.